

ALUMNO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Composto e Impresso no Tip. Progresso - Espinho AVULSO 2000 Director Interino ANTÓNIO GAIO NÚMEROS 51 E 52 ANO IV

PROBLEMAS DA ACADÉMICA

A propósito de PRÉMIOS ESCOLARES

Ano após ano, a nossa Académica vai vencendo todas as dificuldades da sua por vezes penosa existência, e no entanto não podemos libertar-nos da incerteza da sua sobrevivência. Ano após ano, a nossa Académica vai singrando à custa de impulsos generosos e esporádicos, mas, porque são impulsos orientados apenas no sentido duma maior actividade de momento, não podem de forma alguma fazer-nos descansar na obra em que estamos empenhados. É preciso que nos convençamos da necessidade de se conseguir uma organização de importância capital para Espinho, uma organização que, em qualquer emergência, possa «exigir» dos Espinhenses o seu indispensável auxílio.

Mercê de circunstâncias em que não interessa insistir, a Académica tem-se desviado dos propósitos para que foi criada. Para melhor? Para pior? Verdadeiramente não é essa a questão que interessa analisar. Evidente é que aos poucos se foi perdendo o «espírito» da colectividade. E se, a muitos, isso parece de somenos importância, muitos outros entendem, e creio que com razão, que uma colectividade sem «alma» não pode nunca sobreviver.

Se bem que as aparências induzam muita gente em erro, a verdade é que a Académica de há anos que vem constituindo um grupo meramente desportivo — e de fraco nível — que louvavelmente estende a sua actividade ao campo cultural e artístico. E, deste modo, a nossa Associação há-de estar sempre sujeita às oscilações da forma dos elementos de determinada modalidade desportiva, ou às oscilações do entusiasmo e dedicação de meia dúzia de abnegados. A nossa existência, incerta e dura, será igual à de tantos outros pequenos clubes desportivos espalhados pelo país, e, num período de maior depressão, pode ruir todo o esforço de tantos anos.

Por isso eu digo que importa fundamentalmente reaver o «espírito» da colectividade, tornando-se necessário operar uma profunda remodelação na sua estrutura. Porque não há-de ser

Continua na pág. 3

EDITORIAL

REFLEXOS

Quando se afirma uma crise de valores, abrem-se portas para a acusação dum pessimismo ou duma análise errada da realidade. Infelizmente, os acontecimentos avivaram asperezas esboçadas, e confirmaram um estado actual de crise. Os homens bons, cada vez mais isolados, lutam ainda pelo equilíbrio, mas estão prestes a cair no declive.

A terra vive uma insatisfação quase doentia. Diante dos fracassos, da ausência de trabalho consciente e dum horizonte sem esperanças, a descrença ganha raízes. E se a falta de fé no porvir é o fim, julguemos a situação.

A realidade não admite pessimismos. Observemos. A insegurança que se esboçava dia a dia nos corpos dirigentes por falta de uma orientação forte e decidida capaz de dominar e criar uma equipa homogénea, atinge o máximo. Personalidades de força vária a puxar cada uma para o seu lado, não podem produzir e estão condenadas. Vive-se no sistema de arrancos, perigoso pelo desgaste e pela inexistência dum programa, dum plano certo.

Como consequência directa daquela insegurança, temos na análise desta época de Verão — período de enorme importância para Espinho que pretende ser uma terra de turismo — o insucesso quase estrondoso das Festas. Passemos adiante dos festejos da Ajuda de menor importância na vida de uma praia de categoria. Deu-se o fracasso. Porquê? Por culpa destes ou daqueles mas, sobretudo, pela ausência duma orientação, pronta a entusiasmar, a despertar e a exigir responsabilidades.

E, se falamos de Turismo, é confrangedor verificar o que se fez, diante o que há para realizar. Continuamos à espera dum vento renovador que varra teias de aranha e outras coisas mais.

É esta a situação, analisando uma faceta da actividade da terra. Seremos pessimistas?

Entremos agora na nossa casa. Os reflexos da crise acentuam-se perigosamente na vida da Académica. Também aqui a falta de gente com um plano definido de trabalho criou uma situação bem difícil. O comodismo, o desinteresse, a ausência de um ideal das camadas novas dificultam bastante a missão dos responsáveis. Mas a verdade é que estes pouco têm feito para combater a educação defeituosa da gente nova.

Impõe-se uma reacção. Os melhores de hoje têm obrigação de descobrir e entusiasmar bons elementos para defesa do Presente e do Futuro.

A Académica, adentro dum programa bem estruturado, pôde e deve vir a ser uma escola de cidadãos e de bons dirigentes.

Encontramos a causa da crise de valores que ameaça o desenvolvimento de Espinho num conceito errado da educação, na deformação do papel do homem numa sociedade que busca melhores dias. Oxalá a Académica possa contribuir, numa arrancada de sangue jovem e ardente, para a descoberta de novos horizontes para a nossa terra.

A. G.

MARÉS VIVAS

A propósito?

Despropósito?

Porque o Povo de Espinho sabe ser imensamente agradecido, porque sabe ser hospitaleiro e bom, certas manifestações, por vezes com pobres resultados, deixam sempre uma impressão desagradável a quem as observa, e, até, uma certa desconfiança ao julgá-las.

Certamente que ninguém pode obrigar os Espinhenses, excepcionalmente compreensivos, a perder as suas ocupações para homenagear este ou aquele; mas ninguém, também, pode duvidar, porque isso seria uma ofensa das maiores, que tudo quanto se faça por esta linda terra fica bem fundamentado gravado no coração de todos.

Também ninguém pode responsabilizar, colectivamente, um Povo, porque este ou aquele indivíduo não pode ou não quis, por comodidade ou indiferença, cooperar em qualquer manifestação.

Portanto, todos os actos públicos, mais ou menos concorridos, não são da responsabilidade das massas populares, quando fracassem, mas sim de quem as dirige e orienta.

Espinho, que soube transformar aqueles «PALHEIROS» de que falam os antigos, nesta risonha Vila, nesta soberba estância balnear, neste progressivo concelho, vem, há algum tempo a esta parte, enfermando, infelizmente, do mal que também outras terras do País sentem e que tanto as tem prejudicado: A falta de dirigentes!

Isto de não haver quem saiba — ou melhor, quem queira — dirigir com acerto, orientar com fundamentos, quem saiba agradar mas sem artifícios, representa, para Espinho a fase pior da sua existência.

Não é necessário ter diplomas, ter Drs. a preceder-lhe o nome (alguns até deixam que os adjectivem assim, sem direito) ser muito rico, ter fama de qualquer coisa, para poder ser um bom dirigente, um bom orientador!

Basta apenas ter boa vontade, ser senhor de si; basta querer, mas com bases, sem ostentação demasiada ou modéstia fingida, para se ser louvado, para se ser seguido, com aquela confiança que todos desejam sentir.

Aqui como acolá, o geito da emulação não se perde, e senão vejamos:

Continua na pág. 3

CREPÚSCULO BÁRBARO

Ergue-se ao longe a sinuosa cordilheira biombo verde-escuro gigantesco. Montanhas tendidas e dispersas lembram uma outra escala que rufisse ante a fulminação colérica de Zeus...

O drama do ocaso em breve tem seu curso.

O Sol — o Monstro Incendiário lança no céu as rubras labaredas tingidas de fogo o dorso das montanhas laiva de sangue as dobras das vertentes.

O calor
— o hórrido calor escalda.

É em delírio tudo quanto existe e um torpor mortal há-de invadir a terra.

O humano ser não sente a nostalgia nem os estados mórbidos da alma: só a tortura lenta da matéria que em frémios palpita na agonia.

Prometheu
o torpe semi-deus
— o gémeo irmão do Monstro Incendiário que aos homens revelou um mísero segredo — maldito seja ele, maldito seja!

O calor
— o hórrido calor abraza.

Nem temperança do vento
nem refrigério da briza
nem a carícia do sopro
nem o afago da aragem...

Ó meu irmão branco! Esta fornalha ciclópica tudo queima, tudo — até a alma!

Uma gralha agoirenta fende o ar a grasnar...

Vem por fim a prostração das coisas a desolação e pungente quietude.

A Natureza jaz entorpecida um lúgubre silêncio envolve a terra.

Só então
— a nossa alma acorda e chora...

Felisberto Ferreira

PABLO PICASSO

NA BERLINDA...

Não podemos afirmar, nem negar, a veracidade da notícia que motiva esta crónica, e bem assim das considerações que sobre as mesmas se fazem no jornal madrileno «Dígime». Dada a naturalidade com que se apresentam estas coisas, sem indício especulativo, ao que parece, custa a supor que se trate de um ludíbrio como aqueles que preenchem vulgarmente os grandes e pequenos jornais, a título de sensação. Custa a supor. Todavia, o leitor culto e interessado deve tirar as suas conclusões, independentemente dos juízos que aventarmos. Este assunto é da máxima importância no campo da Arte e da Crítica, e como tal é digno de ser registado numa crónica de actualidade.

Segundo o «Dígime», Pablo Picasso fez perante Giovanni Papini uma surpreendente confissão acerca do seu labor artístico, e as palavras do pintor malaguenho foram reproduzidas pelo jornal «La Croix», de Paris. A solvência deste jornal e a autoridade do escritor italiano induzem a reproduzir a dita confissão — diz o jornal espanhol. Mas será assim? Não será? O assunto merece ser considerado sob o ponto de vista da Crítica e da Arte, pelo que vamos retranscrever, nós também, as palavras de Picasso:

«Desde que a arte não é o alimento que nutre aos melhores, o artista pode exercer o seu talento, intentando todas as fórmulas e todos os caprichos da fantasia e todos os caminhos do seu charlatanismo intelectual. Em arte, o povo não encontra consolação nem exaltação; mas os refinados, os ricos, os ociosos, os destiladores de quintaessências, procuram na novidade, o estranho, o original, o extravagante, o escandaloso».

«Eu mesmo contentei, desde o cubismo e muito antes, a todos esses críticos, com os disparates que se me ocorriam e que eles mais admiravam quanto menos os compreendiam. A' força de executar todas essas brincadeiras, esses quebra-cabeças e essas garatujas, tornei-me célebre rapidamente. E a celebridade num pintor, significa fortuna, riqueza. Eu sou agora, além de célebre, rico. Mas, quando falo com os meus botões, não posso considerar-me um artista no grande sentido que esta palavra tem. Grandes pintores foram Giotto, Tiziano, Rembrandt e Goya; eu sou somente um «bromista», que compreendeu o seu tempo e tem explorado, sempre que pode, a imbecilidade, a vaidade e a concupiscência dos seus contemporâneos».

E' verdadeiramente desconcertante esta confissão de Picasso. Produz um efeito catastrófico. Mas será verídica? Sendo-o, que dirão todos esses pintores que o seguiram e o imitaram servil-

mente, obsecadamente, sem possuírem o seu talento e o seu espírito? Será curioso ouvir a opinião da alta crítica, que com tanto interesse se debruçou sobre a obra picassiana, escrevendo grossos volumes, enchendo colunas e colunas de revistas e jornais, para explicar, sabe-se lá, talvez o inexplicável dos seus conceitos estéticos — das suas excentricidades. Que grande desapontamento!

Como será interpretada esta confissão pela alta crítica, que tão delectadamente se tem curvado perante a obra de Picasso? Quantas contendas se travaram em todo o mundo provocadas pelas suas extravagantes criações? Picasso conseguiu ser o pintor mais discutido e comentado deste meio século. Muitas das suas obras ornamentam os mais importantes museus do mundo, e outras vendem-se por preços fabulosos nas galerias de fama.

Comprovado o ludíbrio que este talentoso «bromista» tivesse feito vangloriar durante os 50 anos da sua carreira artística, o que pensar dos seus críticos e da Crítica, depois desta escandalosa revelação? O que pensar dessa coisa que se chama alta crítica, como tomá-la a sério se ela não resiste a qualquer engenhoso e talentoso «bromista» como Picasso? — A vaidade e a concupiscência são congénitas no homem, e é certo que cederiam a um «bromista» sarcástico como ele, e demais talentoso, a julgar pela sua estranha confissão...

Compreendida a sua «broma» pelo lado prático da vida, desta vida mercenária em que a vaidade é imperante, vê-se sem relutância, digamos, quase com simpatia, a confissão corajosa de Picasso, se pensarmos em que o drama dos artistas é indizível, debatendo-se numa luta trágica contra as necessidades materiais da existência. O artista afundase irremediavelmente na miséria e no esquecimento, quando não imponha os seus trabalhos com espectacularidade, com excentricidade, com atrevimento, captando o interesse dos argentários.

Explica-se que um artista talentoso como ele, defendendo-se de inúmeros revezes nas primeiras décadas da sua carreira artística, entrasse a explorar a ignorância dos endinheirados que se dão ao luxo (à vaidade) de comprar por preços fabulosos aquilo que não conhecem e que para eles não tem significado ideal — as criações de arte; e que continuasse a explorar este abundante filão até enriquecer, ele mesmo, burlando-se da ignorância dos argentários. Talvez fosse assim, talvez fosse! As vicissitudes por que passa o artista para fazer manter uma aparência condigna, numa sociedade mercenária como

Continua na pág. 9

JOVENS CAMPEÕES...



A equipa de roque em patins da Associação Académica de Espinho de «Principiantes» que, com raro brilho, conquistou para o seu clube o título máximo regional da modalidade, naquela categoria.

AR LIVRE

CAMPISMO



Turismo e higiene... Para quando?...

Entre as maselas que o «Fárol» deixou de iluminar com os seus potentes fachos de luz, propagandeando Espinho, que diga-se de passagem — merecia coisa melhor e que não sujasse tanto as mãos, algumas passaram, que, mereciam ser «iluminadas»

A primeira: Os efeitos da explosão da minúscula «atómica» que demoliu o prédio onde esteve a Foto Carvalho, e que ali está agora como um «Padrão»! Calculem que a tal explosão não deu os resultados esperados. Só depois dos estragos é que se chegou à conclusão de que, para uma completa limpeza da futura rua, só uma bomba com o peso de algumas dezenas de «quilos» fará com que uma célebre cabine transformadora de energia eléctrica, que ficou e ali ficará se os tais «quilos» não operarem um milagre, mude de local! Efeitos das coisas feitas com portas falsas, muito em voga agora.

A segunda: Aquela viela, mais ou menos no local. Tem tido pretendentes bastos para explorarem os perfumes naturais! Francamente: Não será vergonhoso, ofensivo do local, anti-higiénico, que se não modifique «aquilo»? Porque se não tapa a viela? Porque se não constrói, no local, uma «Sentina Pública»?

Ao menos, assim, legalizava-se o que é ilegal e impróprio, nojento até, para se não continuar a protestar contra tal foco de infecção e de exhibições obscenas.

Araras...

Não, meus amigos, não é a ave de penas multicores e tagarela que obriga a este arrazoado. As «araras» que nos preocupam trazem as «penas» escondidas e cederam a cor ao gosto do alfaiate.

Arara é aquele indivíduo, muito maleável, que fala de tudo e de todos numa algazarra de palhaço. Tal como o triste «faz-tudo», enfeitado com ideias e palavras alheias, o «arara» delira com o chocalhar de opiniões e atitudes copiadas e assimiladas servilmente. De personalidade feita qual manta de retalhos, usando e abusando da alegria de uma ironia falsa e inferior, adapta-se a quaisquer circunstâncias e gesticula sempre, cheio de importância.

Fazendo parte da fauna viva que povoa os cafés, estes «pássaros», ouvem aqui e acolá, bebem os discursos dos chefes de mesa, e vão depois transmitir a outros grupos as «verdades» recebidas por alta inspiração de génios incompreendidos.

E assim, nasce a mentira pela preocupação de colorir, de enfeitar, as críticas sagazes.

Na verdade, os «araras» que

Feitos os Cortejos de Oferendas, demonstradas em realizações entusiásticas e prometedoras, a bondade do nosso povo e a sua vontade de progredir, dura há já bastante tempo um compasso de espera. O Hospital da Misericórdia de Espinho demora a encontrar bases firmes e profundas para os seus alicerces. O desconhecimento do que se passa está a fomentar a impaciência e a descrença. Se um pequeno grupo sabe de possíveis dificuldades no projecto ou quaisquer outros impedimentos, a maioria esboça sorrisos significativos. O povo trabalha e dá mas gosta de satisfações. De contrário, as realizações futuras, tão necessárias para a construção do Hospital, poderão ser prejudicadas.

A situação actual deve ser exposta com franqueza, quer através dum comunicado, quer por meio duma campanha apta a despertar energias adormecidas e a galvanizar novos entusiasmos.

Neste caso, o silêncio é mau. É tempo de sacudir um emprehendimento enfraquecido por um exagerado compasso de espera.

Fumo e Fogo

Diz o povo que não há fumo sem fogo e a verdade é que o tempo quase infalivelmente justifica a sua razão. É bem certo que há muito juízo errado e muita maldade no «dize tu, direi eu», mas quando as núvens de fumo se adensam e crescem, os factos ganham intensidade e o fogo mostra-se vivo. É assim que as labaredas de tristes realidades queimam muitas esperanças.

Na verdade, é bem dolorosa a ruína de grandes projectos e a queda das estátuas de pés de barro.

Depois da derrocada fica a lição e o exemplo, num grito aos semelhantes.

O homem responsável não deve esquecer as lições, a bem do seu papel nos trabalhos da jornada comum, para o progresso de todos.

parecem inofensivos através da gesticulação ridícula e do riso descontrolado, são prejudiciais quando encontram indivíduos incapazes de os classificar e de os colocar no «poleiro» de aves tolas e palradoras. Alguns deixam-se dominar pelo derrotismo das gargalhadas que pretendem o sarcasmo. Deve-se evitar o erro de tal atitude. O desprezo é a arma capaz de destruir, de prender na «gaiola» do ridículo estes pássaros de penas escondidas e de cores emprestadas.

Estão no primeiro plano das preocupações humanas de hoje, os problemas desportivos. Uns em maior escala, outros em menor extensão, segundo a ordem da emoção oferecida, ou consoante os resultados materiais (normalmente, estes são função daquela, dado que se paga melhor o espectáculo mais exuberante), por toda a parte eles causam uma movimentação extraordinária, com as suas inúmeras modalidades.

Espectáculo e emoção não correspondem por si mesmo ao melhor ou ao bom, no sentido do aperfeiçoamento. Reparámos, por exemplo, em que o futebol, jogo de movimento e emoção, sem dúvida, está longe de ser um desporto ideal. É inferior à marcha, ao remo, à natação, desportos muito mais completos, do desenvolvimento muscular total, plexos no desenvolvimento muscular total, quer dizer, práticas que conduzem melhor que o futebol à harmonia do corpo humano. Já só focando em linhas gerais os aspectos externos dos vários desportos em relação com a sua utilidade para os praticantes, haveria um imenso que dizer — e isso é aliás tarefa com-

plexa, exigindo conhecimento que confessamos não possuir.

De resto, pretendemos apenas falar dum desporto que, não entrando na categoria dos espectaculares ou dos remuneradores, tem nos nossos dias um desenvolvimento notável: o campismo. Claro que também ele pode oferecer momentos de grandiosidade, nas manifestações de conjunto. E quanto a ser remunerador, atente-se nos seus benefícios (isto, todavia, é começar por traduzir em dinheiro o que importa considerar só do ponto de vista desportivo).

Pode o campismo revestir duas classes, em relação ao modo e ao fim a atingir com a sua prática: campismo puro, como desporto em si, abrangendo toda uma série de complementos também desportivos (pesca, por ex.) ou culturais; e campismo turístico, agora tendente em primeiro lugar a conhecer outras terras, outras gentes, etc. (do país ou do estrangeiro). A seu tempo veremos este. Interessando em primeiro lugar, do ponto de

Continua na pág 9

PRÉMIOS ESCOLARES MARÉS VIVAS

Continuado da pág. 1

Continuado da pág. 1

Académica a Casa dos Estudantes de Espinho? A verdade é que, se agora quiséssemos olhar com olhos de ver, nós poderíamos tornar realidades o sonho de há quinze anos. Espinho e as suas instituições de ensino só terão a lucrar com a existência duma agremiação que absorva as actividades extra-escolares — também as desportivas, evidentemente — de todos os seus estudantes. Nem é preciso lembrar constantemente a acção nefasta do nosso meio na maioria dos estudantes.

Dos Corpos Gerentes da A. A. faz parte apenas um estudante! Alega-se como razão principal o facto de ser exigida por lei uma idade mínima — 21 anos. Se é assim, entendo que se deve procurar obter do Senhor Ministro da Educação uma situação de excepção, perfeitamente compreensível numa Associação Académica que tem de procurar a maioria dos seus elementos no ensino secundário, ou quando muito nos primeiros anos das escolas média e superior. O ponto de partida teria, a meu ver, que ser este. E não se julgue que seriam dispensáveis os associados não estudantes. Esses, a quem se deve, justo é dizê-lo, a existência da Académica num período já bastante longo, continuariam, creio eu, a prestar a sua sempre desinteressada e entusiástica colaboração. De resto, no nosso meio, todos os anos inúmeros rapazes dão por terminada a sua vida escolar e nada justificaria que a sua Académica deixasse de ser para eles a sua agremiação. Mas interessa que nos cargos directivos os estudantes constituam a maioria, interessa que todos os estudantes de Espinho se convençam de que só têm a lucrar se se dispuserem a servir a Académica — a Académica que verdadeiramente ainda não existiu!

É isso fácil? Infelizmente, não é. Mas uma estreita colaboração com as instituições de ensino e o indispensável auxílio das entidades oficiais muito ajudariam a encontrar o melhor caminho para

Funda-se ou pensa-se em fundar uma colectividade, cria-se um agrupamento (político ou não,) gera-se uma ideia proveitosa, e infelizmente, não se vai escolher, no meio de quem teve o trabalho de erguer, de criar, o dirigente! Vai sim procurar-se o Sr. Dr. A., o Sr. Engenheiro B. o sr. capitalista C. por vezes, desconhecedores dos fins em vista, para presidir, pondo-se de parte aqueles que tanto trabalharam para uma realização. Outras vezes, e apenas com uma escassa meia dúzia de meses de permanência em Espinho, agarra-se o primeiro que chegue e que comece a falar um bocadinho mais alto.

Tudo serve! Desde o tendeiro ao mestre escola (não se pretende apoucar os bons mestres) está-se apto a... mandar, e portanto, os nulos, encetam demarches junto de um qualquer coisa... Ecce Presidente!

Espinho, pois, nos ultimos tempos, está a sofrer deste mal, que urge curar, porque, como se nota, lhe falta quem, quer nas boas, quer nas más horas lhe assista, para não cair na apatia, que pode também classificar-se de indiferença, embora não passe senão de um alheamento pela falta de contacto com quem dirija e mande, mas com conhecimento de causa.

M. de O.

o êxito que a todos deve interessar.

Num dos últimos números de «Rumo» falava-se no interesse da instituição de «Prémios Escolares» para os associados da Académica, prova evidente de que é preocupação dominante dos seus dirigentes cumprirem a missão de que os incumbiram. Ninguém duvida por conseguinte do seu propósito de fazerem sempre mais e melhor. A questão está em que a tarefa é inglória, não pode ter êxito, nem poderia ter continuidade. Como aliás todas as tentativas de auxílio, de incitamento, de orientação dos estudantes de Espinho, enquanto elas não partirem duma agremiação estruturalmente académica.

FUTEBOL

Hoquei em Patins

A Académica nas Ilhas

Três jornadas mais e terá atingido o seu termo o Campeonato de Aveiro de 1952-53. Apesar de cada equipa ter ainda que fazer três jogos, só um problema parece estar por resolver, se a sorte não caprichar em destruir os vaticínios quase gerais. Espinho e Sanjoanense terão a disputa da II Divisão assegurada, tanto quanto o Oliveirense e o Agueda participarão na III Divisão. Resta indicar o terceiro representante à II Divisão que vai sair do par Ovarense-Beira-Mar.

Não pode deixar de considerar-se, de certo modo, agradável a tarefa dispendida pela equipa do Sporting de Espinho até agora. Apresentando os mesmos elementos da época passada e como novidade apenas Garro e Gomez, o Sporting tem possibilidades de repetir o bom trabalho da época transacta, bastando-lhe, para isso, que o conjunto mais se afine e sejam torneadas certas falhas provenientes de crise de forma. Em 7 jogos duas derrotas para 5 vitórias é cartaz animador para quem tem a fazer até final do campeonato dois jogos em casa e um só em terreno alheio.

A equipa não atingiu ainda o melhor da sua forma e a atestá-lo está a escassês dos números verificados nos jogos da 1.ª volta. Uma exibição brilhante do quinteto avançado contra a Ovarense

Continua na pág. 9

Voleibol

Acabou o Campeonato Regional de Voleibol e o panorama geral de nível técnico das equipas concorrentes deixa muito a desejar, pois, sem excepção de nenhum dos grupos concorrentes, todos se apresentaram na época corrente em incompreensível baixa de valor quer global quer mesmo individual.

A Académica enfermando de mesmo mal geral, aumentado ainda pela ausência forçada de alguns dos seus melhores elementos como Guia, Orvalho, Caldeira e outros, não deu o rendimento habitual de anos transactos, ocupando na classificação geral lugar que não se coaduna com aquele que poderia vir a alcançar por actuação do seu team completo. Além destas anomalias absolutamente contingentes em desporto, sobressai porém um mal mais grave e por consequência mais melindroso de focar. Todo o atleta, «incluído o amador puro» — e reforço a epígrafe para que não haja alusão que julgue estar isento de censura devido àquela faceta de fazer desporto — deve possuir um mínimo de qualidades morais, que lhe mereçam o apodo de atleta — sem que ele seja somente devido pelo facto de envergar uma equipa e mostrar publicamente uma plástica melhor ou pior proporcionada. O espírito de sacrifício e entre-ajuda, a auto-disciplina e o brio pessoal, principalmente, são os atributos que um verdadeiro atleta deve possuir e aliar a sua maior ou menor categoria desportiva propriamente dita. Ora, em franqueza absoluta, uma grande percentagem dos elementos da secção de Volei da Académica não demonstram de forma alguma ter a mínima percentagem dos atributos apontados. Se em determinada altura as coisas correm bem, ainda conseguem camuflar com o erróneo à-vontade próprio dos vencedores, as pechas de que enfermam. Porém na maior parte das vezes, quando tudo corre mal, muitos dos elementos do team de volei dão uma tristíssima amostra da ideia que possuem do que é ser um verdadeiro desportista. Não se confunda que está posto em causa, propriamente, o facto de ganhar ou perder. Não; o que está em causa é a maneira como se perde, sem se tentar lutar contra a derrota que se adivinha. O conformismo, o cruzar de braços como impotência, renunciando à luta, não é desporto.

A equipa de oquei em patins da A. A. Espinho deslocou-se recentemente às Ilhas Portuguesas do Atlântico para disputar alguns jogos a convite do Sporting Club da Horta. Embora a digressão passasse quase despercebida à grande maioria dos espinhenses, ela constituiu uma magnífica jornada de propaganda de Espinho e do clube, que contou por vitórias os encontros disputados. Pode alegar-se como factor explicativo desta viagem cem por cento triunfante a falha de valia técnica dos oquistas insulares, mas, ouvindo as impressões dos que compuseram a caravana académica, somos forçados a concluir que os jogadores ilheus não são tão maus como os pintam. Quisemos ouvir, para o RUMO, alguém que pudesse descrever-nos o que foi esta digressão e a escolha recaiu no Dr. Virgínio Pereira, chefe da caravana.

—Quantos jogos disputou a Académica? — perguntamos.

—7 jogos. Em S. Miguel: União Micaelense (4-3), União Sportiva (7-3); na Terceira: Empregados do Comércio (7-2); na Horta: Sporting da Horta (4-3), Santa Clara, de S. Miguel, (2-1) e Angústias Atlético Club (6-0); na Ilha da Madeira: Hoquei Clube da Madeira (12-1).

—Qual foi o jogo mais difícil?

—Contra o Santa Clara que, além de ser a melhor equipa dos Açores, teve por si o mais ignorante de todos os árbitros, que marcava livres indirectos contra o clube que defendia em faltas cometidas dentro da grande área.

—Era agradável o ambiente em que se disputaram os jogos?

—Salvo no jogo com o Santa Clara, encarado pelos desportistas da Horta como um Continente-Ilhas, tivemos sempre ambientes simpáticos e acolhedores, especialmente na Ilha da Madeira.

—Os juniores Brandão e Cruz houveram-se bem nas suas actuações?

—Cruz apenas jogou o segundo tempo do desafio contra o Angústias, cumprindo inteiramente; quanto a Brandão, marcador de metade dos nossos «goals», formou com Alberto Alves o duo dos nossos melhores elementos. A propósito, devo declarar que todos os outros jogadores (Gato, Carvalhas, Barros e Clareano) actuaram de molde a agradar.

—Tiveram alguns momentos agradáveis durante a viagem, não é verdade?

—O convívio a bordo com um simpático grupo de turistas franceses, os passeios às Furnas e às Sete-Cidades, na Ilha de S. Miguel, proporcionaram-nos momentos muito agradáveis nesta digressão, mas foi na Ilha da Graciosa que tivemos a maior alegria ao encontrar o antigo dirigente da Académica e seu sócio fundador, Mário Ramos. O



ENTRADA EM CAMPO

Descida de Divisão

Mercê de má inscrição de um jogador, a Associação Académica de Espinho viu-se relegada para o último lugar da classificação geral no Campeonato do Norte de oquei em patins. Este lamentável incidente causou grande celeuma nos simpatizantes espinhenses da modalidade, mais barulhentos amigos nas horas de triunfo do que solidários na ocasião do malogro. Na sua esmagadora maioria, os que abordam o assunto fazem-no dando-lhe características de perda irreparável, atribuindo-lhe consequências esmagadoras para o futuro da colectividade. Encarado o caso sem exageros de paixão e com razoável dose de bom senso, temos que repudiar estas atitudes e considerá-las de todo insensatas.

Não é a primeira vez que a Académica se vê forçada a, em determinada modalidade desportiva, descer de divisão. Tal sucedeu há anos no voleibol, desporto que, na nossa modesta opinião, é o que mais responsabilidade acarreta ao clube, que o introduziu no Norte e tomou a iniciativa da criação do seu organismo orientador na região nortenha. Quase ninguém deu pelo insucesso, devido a quebra de valor da equipa, e, não obstante essa pouca estimulante ignorância e falta de apoio, os voleibolistas souberam, com superioridade indiscutível e louvável esforço e vontade, subir na época imediata, à Divisão de Honra de onde tinham sido desalojados. Na passada época, coube-nos o último lugar no Campeonato Regional de Oquei em Campo e a consequente descida automática de Divisão. Podemos assegurar que 90% dos que nos estarão a ler só agora têm conhecimento do facto, que passou despercebido aos espinhenses, afora a meia dúzia cuja carolice permite que Espinho continue, não obstante todas as dificuldades capazes de fazer desanimar outros menos voluntariosos, a ter praticantes desta modalidade. Vai iniciar-se a época de 1952-53 e a Académica estará presente no Campeonato do Porto da II Divisão, lutando pelo retorno ao convívio dos maiores.

Porquê, pois, tanto desânimo em relação ao oquei em patins, tanto mais que a descida se deve não ao decréscimo de valor dos jogadores mas sim a um deslize de ordem burocrática? Se a equipa, pelos resultados conquistados nos jogos que disputou, afirmou valor suficiente para arredá-la dos lugares derradeiros, porque não confiar no seu bom trabalho de recuperação? Derrotismos, afirmações de descrença, desinteresse e falta de apoio são atitudes que não podem justificar-se perante o caso presente.

Se não admitimos o desânimo, aceitamos de boa mente certas críticas bem intencionadas ao deslize que permitiu a sanção que à Académica foi aplicada pela força dos regulamentos. Por isso mesmo não podemos deixar de fazer um reparo que julgamos absolutamente justo. A Académica foram atribuídas derrotas por falta de comparência nos quatro jogos em que participou Alberto Brito, que não fôra inscrito no Campeonato. O primeiro destes jogos foi o disputado no Lima contra a equipa do Vigorosa em 12 de Setembro, em que obtivemos o empate que nos garantia, em caso de igualdade final na pontuação com este clube, supremacia na classificação e consequentemente o afastamento do último lugar. Pois só em 14 de Outubro foi a Direcção notificada oficialmente da má inscrição desse atleta pelo organismo regional! Aceitamos como certa a afirmação de que não houve da parte dos directores associativos qualquer vislumbre de má fé. Não podemos porém calar o nosso vivo protesto pelo atraso com que se procedeu à verificação dos boletins dos jogos. Não é assim que se defende o bom nome de uma modalidade que há muito tempo conquistou as simpatias gerais. Para bom andamento de qualquer organismo, torna-se necessário que os responsáveis pela sua gerência acompanhem com assiduidade os seus interesses, vigiando as suas actividades, não abandonando por comodismo ou indiferença o trabalho a que moralmente se obrigaram ao tomar posse dos seus cargos. Desta vez foi o nosso clube o atingido — e bem duramente — mas, se o caso se desse com outro qualquer dos que conosco constituem, pelo seu esforço generoso, o alicerce em que se apoia a modalidade, na região nortenha, pensaríamos de igual modo e recriaríamos com igual intensidade os responsáveis.

Terminadas estas considerações, resta-nos esperar de jogadores, sócios e simples simpatizantes do clube o movimento regenerador e voluntarioso que, por seguro e recto caminho, nos há-de conduzir de novo, na época que vai seguir-se, à I Divisão do Norte a que, por direitos adquiridos no campo da luta, nunca deveríamos ter deixado de pertencer.

P. M.

pequeno almoço servido em sua casa, e o passeio à volta da Ilha numa camionete de carga jamais nos poderão sair da memória, como sempre teremos presente o

rosto emocionado daquele nosso associado no momento em que tivemos que regressar a bordo em continuação da viagem para o Continente.

ANTOLOGIA

Falam os Mestres LITERATURA PERSA

Zoroastro ou Zaratustra foi o fundador da religião dos antigos persas. A data em que viveu permanece ainda incerta: uns o situam no ano mil A. C., outros o fazem contemporâneo do Buda. A doutrina de Zoroastro está contida no *Zendavestá*, o livro sagrado dos Parsis. Segundo a tradição, a obra estava escrita em 12.000 couros de vaca, que desapareceram ou por ocasião da conquista de Alexandre ou quando o país foi invadido pelos árabes. A compilação actual é de data incerta, mas pertence provavelmente ao período que vai de 250 a 600 da era cristã. Zoroastro reconhecia a existência de dois princípios antagónicos, um criador, outro destruidor; um espírito do bem, um espírito do mal. A luz e o fogo representavam o princípio de vida; as trevas, o princípio de morte. Os dois espíritos opostos batalham pela posse da alma do homem, mas a vitória final caberá ao bom espírito. O *Zendavestá* compõe-se de cinco partes: a primeira consiste em hinos e orações; a segunda é litúrgica; a terceira consta de lendas e preceitos; a quarta, de cantos e inovações; a quinta, de orações. O seguinte trecho pode dar uma ideia do tom geral do livro: *Não te tornes presunçoso por motivo de nenhuma felicidade do mundo; pois a felicidade do mundo é semelhante à nuvem num dia de chuva, da qual nenhuma montanha nos preservará. Não te tornes presunçoso por motivo de riquezas; pois no fim terás de abandonar tudo. Não te tornes presunçoso por motivo de raça ou de amizade com os grandes; pois ao cabo a tua confiança reside em tuas acções. Não te tornes presunçoso por desfrutares da vida; pois a morte chegará um dia e a parte precíval cairá por terra.*

A dominação maometana abafou durante três séculos a vida literária da Pérsia. Mas no século X a protecção concedida aos poetas pelo vice-rei, Mamude, o Gasnevida, interessado em recolher as tradições históricas do país, trouxe um reflorescimento das letras, que continuou pelos séculos seguintes. Contemporâneo de Mamude foi *Firdussi*, considerado o maior épico persa (o seu nome significa «o paradisíaco»); utilizando-se de uma colecção de crónicas históricas rimadas do tempo do último Sassânida, compôs o poeta o seu poema épico-histórico *Xanamé* (Livro dos Reis), de fraco valor histórico mas até hoje muito popular e inspirador de numerosas obras posteriores.

Ao século XII pertence *Omar Khayyam*, grande matemático e astrónomo, autor do *Rubaiyat*, colecção de 170 quadras (*rubai*), de rara limpidez de forma e profundidade de pensamento. A fi-

losofia de Khayyam toca o extremo da descrença e assim se exprime numa de suas quadras: *O vasto mundo: um grão de areia no espaço. Toda a ciência dos homens: palavras. Os povos, os animais e as flores dos sete climas: sombras. O resultado de tua perene meditação: nada.* A conduta que ele deriva de tão completo desencanto é o gozo possível a tirar no momento presente de um copo de vinho, do amor de uma mulher, do perfume de uma flor. A sua amargura não tem revoltas nem admite a maldade. *Fecha o Alcorão, diz em outra quadra. Pensa livremente e olha livremente o céu e a terra. Ao pobre que passa, dá a metade do que possues. Perdoa a todos os culpados. Não contristes ninguém. E esconde-te para sorrir.*

No século XIII viveu *Saadí*, que ficou célebre por dois livros de pequenos poemas—o *Gulistã* (Jardim das Rosas) e o *Bostã* (Pomar). O *Jardim das Rosas*, escrito em verso e prosa, alterna líricas amorosas com breves alegrias morais, sentenças filosóficas e máximas de conduta. Como Khayyam, Saadí tinha o sentimento do efémero de todas as coisas e aconselhava o aproveitamento imediato do minuto que passa: *A vida é comparável à neve exposta aos ardores do sol do verão: funde-se a olhos vistos. O seu possuidor deve apressar-se em fruí-la.* Mas Saadí acreditava que, se as rosas do jardim eram efémeras, o tempo não consumiria os versos em que ele as cantava... *Porque, dizia, ao respirar a rosa, pensar na sua beleza éfmera? Guarda a lembrança do seu aroma e esquecerás que ela está murcha.*

Assim, Saadí procurava misturar, como ele próprio disse, «ao vinagre da moral o mel do bom-humor». Em *Bostã*, todo em verso, o fundo religioso, sensível aqui e ali no *Gulistã* (A verdadeira, a mais nobre prece consiste em murmurar: «Senhor, eu sou incapaz de te conceber, de te definir») é mais pronunciado.

O maior lírico da Pérsia viveu no século XIV e foi *Hafiz*, autor do *Divã*, cerca de 500 odeszinhas em que se celebram o amor, a rosa e o rouxinol, as mulheres, a desambição e o sossego. Mas enquanto o comum dos leitores via nos versos do Poeta simples canções amorosas, tão populares que ainda hoje são cantadas pelos condutores de camelos nas estradas da Pérsia, os iniciados lhes descobriam um sentido esotérico, pois Hafiz, como quase todos os grandes poetas da Pérsia, pertencia à seita dos *Sufis*, os místicos do Islã. Os poemas do *Divã* estão escritos em *gazal*, forma determinada, comum à poesia árabe e persa: o *gazal* não ultrapassa uma média de vinte versos de metro invariá-

DA PINTURA

A arte de forma pura não appareceu *Motu próprio*; não é «invenção dum pintor que se quis divertir com a malta fazendo marmarrachos»; nem fruto, sequer, dum «grupinho de ambiciosos pintores», como é costume dizer-se para af—ela vinha-se evidenciando desde há muito. E o seu aparecimento tem as suas explicações no meio social, no espaço e no tempo em que se evidenciou.

A par de outras «forças agentes», a fotografia teve o seu papel: ela foi, também, conducente à libertação pictorial dos nossos dias. A pintura que se encontrava subordinada ao figurativo, libertou-se de tal amarra; hoje, existe o figurativismo, porém, subordinado por sua vez à pintura.

E não há dúvida que todos ou quase todos os pintores modernos consideram elevadamente a fotografia; com ela tem-se um meio prático, rápido e preciso de se fixar um «aspecto com a fidelidade e a beleza necessárias». E porque um pintor é abstracto, por exemplo, não se vá julgar que ele está alheio a toda ou qualquer beleza natural, como conjecturam alguns; antes, com uma sensibilidade e uma estética muito mais desenvolvidas que o comum dos homens (e pintores!) —reputamos, por conhecido, inútil explicar porquê—o artista moderno «emociona-se» à mais simples e subtil linha; ao mais simples e subtil volume. Diz Rouault—um dos grandes pintores do nosso tempo que o refinamento é ir, não do seixo à Vitória de Samotrácia, mas da Vitória de Samotrácia ao seixo. Nós também achamos que *só depois* de se ter vibrado com a Vitória de Samotrácia, poder-se-á caminhar para o mundo do seixo e, então, «compreendê-lo» convenientemente.

Por conseguinte, não se vá pensar, repetimos, que um Artista abstracto passe indiferente por um rosto ou por uma paisagem, pelo

simples facto de pintar cubos ou circunferências concêntricas! Não. Um artista abstracto passando pelo rosto e pela paisagem chegou aos cubos e às circunferências não deixando de «sentir», e até por sinais mais elevadamente, o rosto e a paisagem... E é aqui que se enganam totalmente esses «copiadores de campo» e seus admiradores.

—O campo, o retrato e coisas semelhantes, fixa o pintor abstracto (ou qualquer outra pessoa) com maior fidelidade e comparável beleza numa foto—e colorida se se quiser!

Chegamos ao ponto de dizer que, tendo a máquina fotográfica concorrido, em parte, para a *libertação* da pintura, não restringiu o seu campo, como querem ainda alguns, mas antes o alargou a novos e vastos horizontes. Concernente a isto, julgam ainda alguns que a arte está confinada ao decorativo; tal porém não acontece: os Abstractos, tendo purificado a forma (que ficou a valer por si só), não abandonaram os «elementos essenciais» e específicos da obra de arte. E, como tal, a expressão não desapareceu, ganhou, isso sim, outro aspecto de comunicação. Ora num quadro—e a isto já ninguém se opõe, julgo eu—mede-se, digamos assim, o seu valor pela *forma*—e foi precisamente a forma, quer o queiram quer não, que mais se ressentiu dos efeitos da fotografia.

Claro que, concomitantemente, interferiram nesta modificação outros factores, um dos quais «certa preocupação» de originalidade tida pelos pintores Pós-Renascentistas que se foram tornando mais individualistas à medida que se foram aproximando da nossa época. A personalidade é, em grande parte, fruto desse individualismo. E esse predomínio individualista na expressão plástica concorreu grandemente para a Arte de forma pura: concepção extremista da arte do nosso século.

G. D.

1 GAZAL DE HAFIZ

As Lágrimas

Ai de mim! partiste. Sofro, e queixo-me. Choro porque o vento não te leva o eco dos meus suspiros.

Dia e noite, bebo as minhas lágrimas. Como pudera sorrir se te achas longe de mim?

O desgraçado Hafiz está mergulhado nas ondas amargas de suas lembranças, e tu nem pensas em teu escravo de coração ferido.

vel, distribuídos em dísticos, rimando os versos do primeiro dístico entre si e com o segundo verso dos outros dísticos, ao passo que os versos restantes são brancos.

In «Noções da História das Literaturas» de Manuel Bandeira

Sê bom assinante de
“Rumo”
angariando assinantes

UM ARTIGO POR . . .

ALÉM-MAR

"ESPINHO EM PESO"



Pois é verdade, meus queridos amigos: cá nos tornamos a encontrar, o Emídio e eu, mas desta vez o cenário foi diferente do habitual. Totalmente diferente. Tão diferente que muitas vezes tive a impressão de que não estava em Angola. Porque, não há dúvida, esta Luanda surpreendente difere muito das outras terras angolanas que estamos habituados a ver.

Luanda, cujo progresso vertiginoso é uma garantia de que, em breve, será uma das maiores e mais belas cidades de todo este imenso continente africano, dá-nos a certeza de que o esforço português no mundo continua a ser uma força com que é preciso contar.

Quem viu Luanda há vinte anos, decerto que a não reconhece hoje. Tudo está completamente mudado. E não cabe, no reduzido âmbito deste desprezioso artigo, uma descrição do que é, e do que vale esta linda capital angolana. Mas poderemos dizer, se quisermos estabelecer parâmetros, que poucas, pouquíssimas cidades metropolitanas se lhe podem comparar!

Mas a nossa intenção não é falar da terra. Outro fim têm estas palavras. Diremos que, num momento, numa rua, num armazém, num escritório comercial, está «Espinho em peso». Esta é uma espécie de aforismo que diz tudo acerca do que são os espinhenses que, saídos da sua terra, à procura duma vida melhor, não mais a esquecem, por muitas que sejam as razões que terão por vezes para o fazer. E, se o acaso coloca dois espinhenses no mesmo caminho, sabe-se logo que está ali «Espinho em peso»!

Contudo, aqui em Luanda, isso de se encontrarem dois espinhenses já caiu na rotina. É frequente, sem combinação prévia, encontrarem-se quatro, cinco e mais indivíduos da terra vareira, e, é claro, Espinho é falado e recordado com a saudade de sempre.

E, já que estou com as mãos na massa, acho que é altura de se prestar, publicamente, uma homenagem, tão sincera quanto modesta, a um nome que mereceu de todos, pelo desvelado interesse que sempre tem manifestado pelas gentes vareiras, o hi-

potético cargo de «Consul» de Espinho em Luanda: Emídio Moreira Gandra.

Com efeito, a este segundo andar dum prédio moderno, em frente ao Palácio do Comércio, tem subido muita gente, muito boa gente, a pedir auxílio que jamais foi negado. E quantos, quantos, por Luanda, por essa Angola fora, devem as desafogadas situações, que hoje usufruem, ao Emídio Gandra!

É claro que este amigo não tem conseguido que todos cheguem a milionários... Também é certo que de mal-agraçados está o Inferno cheio... Mas o Emídio Gandra, como verdadeiro «Consul» que é, continua «impávido e sereno» na sua missão de bem-fazer!

Que a sua modéstia me perdôe estas singelas palavras, ditas por espontânea e desinteressada vontade.

*

*

Para provar que os espinhenses são amigos uns dos outros — sobretudo quando longe da terra natal — alguém recordou, certo dia, que a 45 quilómetros

de Luanda, isolado, sozinho, dirigindo uma grande criação de gado, quase junto do mar, vivia um espinhense lutando corajosamente por uma vida melhor, indiferente àquela solidão e àquele desconforto. Resolver visitá-lo, levar-lhe o conterrâneo abraço, foi medida imediatamente tomada. E, num Domingo, pela manhãzinha, lá fomos em demanda das «Palmeirinhas», onde se encontra o nosso amigo.

Ao caminho não poderemos chamar, propriamente, uma auto-estrada. Mas, ao cabo de mil e um solavancos, lá chegamos bem dispostos e com uma fome tão grande que foi preciso utilizar, ao «mata bicho», toda a postura das galinhas!

Entretanto, como chegamos cedo, o nosso anfitrião sugeriu que fôssemos à barra do Quanza, ali pertinho, a 27 quilómetros. E lá fomos. Mato fóra, por caminho que é uma autêntica montanha russa, cheio de covas, repleto de areias movediças, pára aqui, rompe acolá, e tão entusiasmados que, a certa altura, verificamos que a barra do Quanza deveria ser em direcção do Oriente...

Voltamos para trás e desta

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



...o «Rumo» venceu mais uma «paragem» forçada...

...a presença difícil e custosa do nosso jornal vem contrariar certos prognósticos optimistas de alguns «profetas» da terra...

...custe o que custar o «Rumo» há-de continuar a sair...

...o futuro mostra-nos núvens densas, carregadas de surpresas...

...os ares de certas esferas principais da vida espinhense estão a ficar muito turvos...

...a actual Direcção da Académica esteve em férias durante a época balnear...

...a vida do nosso Clube tem de levar uma grande volta...

...se impõe uma chamada geral a todos os amigos da Académica...

...a futura lista da Direcção traga algumas surpresas...

...está provada a inutilidade de certos elementos...

...as novas «estrelas» de futebol do Sporting custaram a brilhar...

...se espera ainda a confirmação dos verdadeiros valores...

...as bancadas do Campo da Avenida estão a pedir reforma urgente...

feita, encontrado o novo trilho, enfiamos direitinhos ao famoso Quanza e estivemos a cerca de quinhentos metros da barra, a qual, diga-se, nada tem de notável.

O rio, no local onde estivemos, já muito perto da foz, é de águas mansas, paradas, mais parecendo um lago. Ali encontramos um preto que nos afirmou ter só uma mulher porque é difícil aturar uma, quanto mais duas ou três. Uma raridade, entre os pretos...

Quando regressamos às «Palmeirinhas», o almoço estava pronto. E, como poderá calcular-se, foi devorado num abrir e fechar de olhos.

Deu-nos que pensar aquele espinhense solitário. Ele lá ficou sozinho, e à despedida os seus olhos diziam tudo!

Sofre muito quem tem uma missão a cumprir na terra e de-seja cumpri-la. Haja o que houver, suceda o que suceder, honra e dignidade bastam sempre para aqueles que pretendem, através dos maiores sacrifícios, recuperar o perdido.

A carrinha deslisou sobre as areias. Um último olhar. O nosso velho e querido amigo continuava a acenar-nos um prolongado adeus!

*

*

O engenheiro Vaz (antigamente eu chamava-lhe Manézé)

...o orientador da secção de voleibol do Sporting, muito habilidoso e entusiasta, esquece os direitos da Académica...

...a manter tal atitude surgirão desinteligências lamentáveis...

...o voleibol da Académica, precisando de muitos valores para reconquistar uma posição honrosa, não pode desperdiçar nem ceder perante manobras desleais...

...Espinho tem mais um café ou seja mais um centro de cavaqueira — um novo filtro das grandezas e misérias duma terra...

...o grande mistério do ano é o caso das «Festas de Verão»...

...neste mistério existe uma teia complicada de dedos acusadores...

...a Empresa Espinho-Praia tem a sede decorada com uma iluminação de puro e fino gosto de arraial minhoto...

...a baixa de Divisão do grupo de Oquei em patins da Académica, fruto dum descuido lamentável, rodeia-se de aspectos estranhos cheios de coincidências curiosas...

...o próximo campeonato regional de Oquei em Patins da 2.ª Divisão, parece ter um vencedor indicado...

demonstrou as suas recentes habilidades de condutor e discordou, por vezes, com o funcionamento da máquina. Enfim, como ele não gosta do Sporting, pode também não gostar do «Chevrolet». Critérios absolutamente respeitáveis.

Este bom moço, que eu vi nascer e crescer, herdou do Pai as habilidades caricaturais. E assim, aqui ficam, feitas por ele, no regresso da passeata, poucas horas antes do seu embarque no «Império», as figuras do «Consul» e do «Vice-Consul». E, com elas, os abraços de saudade para todos os amigos de Espinho... que tão depressa se esquecem de nós...

*

*

Cá ficamos lutando pela vida. O Emídio em Luanda, eu em Nova Lisboa. Mas onde quer que nos encontremos, na capital, nas cidades do interior, no mato, no deserto, fique esclarecido e confirmado que, onde se juntarem dois espinhenses, será sempre como se estivesse «Espinho em peso»!...

A. O.

Leia, assine, propague

"RUMO"

NOTAS DE Fim-de-Época



Por MANUEL GUEDES GUIMARÃIS

"Moria Candelaria" (Um filme mexicano, realizado por Emílio Fernandez e fotografado por Gabriel Figueiroa)—Não é um drama rústico. Para isso falta-lhe terreno firme. É uma composição dum lirismo extrínseco—que nasce no ritmo lento das imagens, da sua composição, da repetição dos enquadramentos. Uma película solene mas de pouco interesse humano. A câmara de Figueiroa capta as formas e a luz desse jogo lento e sem verdade.

*

"Pânico nas Ruas" Em Nova Orleães há um alarme de peste. É Elia Kazan que nos vai contar como isso foi—e tem à sua disposição muitas pessoas, de muitas classes. A polícia, os funcionários do Serviço de Saúde, o «underworld» da «asphalt jungle» com aqueles bares e hotéis de reputação duvidosa (isto é uma maneira de dizer, porque não há dúvidas nenhunas). Em resumo: pessoas razoavelmente instaladas na vida e pessoas razoavelmente instabilizadas nessa mesma vida. É todo o «background» duma cidade ruidosa, onde a aguda sugestão musical de Alfred Newman logo nos coloca desde as legendas de início da fita. «Panic in the streets» está na linha de «Quando a cidade dorme», de «Mercado de Ladrões» e «Foragidos da Noite», para citar três nomes que me ocorrem.

Vemos a história desenvolver-se fundamentalmente em dois planos. Por um lado a procura dos duplos criminosos—primeiro porque assassinaram um homem (que não sabiam contaminado com o bacilo da peste bubónica), segundo porque têm todas as probabilidades de estarem contaminados e serem, por sua vez, transmissores da peste. Por outro lado a intriga desenvolvida entre a própria quadrilha.

Nem tudo é escuro. Elia Kazan não esqueceu a doçura dramática de «Laços Humanos» (esse encantador «A tree grows in Brooklin» que passou despercebido) e mesmo de «A luz é para todos». Temos o prazer de entrar em casa do Dr. Clinton Reed (Richard Windmark), dos Serviços de Saúde. Conhecemos-lhe a mulher e o filho, o seu desejo de ter outra criança, as suas manias, as pequenas dificuldades daquela família pacata. Depois vêmo-lo integrado no serviço, na luta por impor aos outros a consciência da gravidade da situação. E com ele e com o clássico capitão da polícia (cabeça dura mas bom homem) come-

çamos na referida busca, até à perseguição, que já se está tornando fatal.

Kazan volta a dar-nos fortes cenas em primeiro plano (lembre-se toda aquela tensa e extraordinária cena em que o chefe da quadrilha pretende arrancar ao moribundo o seu pretense segredo—e o moribundo tinha um segredo, afinal, e estava a revelar-lho sem palavras), amplos em quadramentos (a perseguição), economia de movimentos da câmara, cenas em profundidade com um personagem—nem sempre essencial à cena, mas inutilmente presente—movendo-se em primeiro plano, e outro ou outros em planos posteriores (a cena da chamada telefónica, quase no início), o diálogo com o plano fixo (a conversa do médico e da esposa na noite em que ele volta cansado, pede café e adormece—a cabeça de Richard Windmark estranhamente volumosa no plano mais anterior da cena)

*

Uma nota sobre o realizador italiano ALBERTO LATTUADA

(Dos filmes: «O Bandido», «O Moinho do Rio Pó», «Sem Pielade»)—Dono duma sintaxe emotiva e compacta, dá a impressão de não saber o que fazer a esse acúmulo de possibilidades. As linhas da sua força dispersam-se em direcções inúteis e quando enveredam por algo que parece mais definitivo, logo perdem a linha da continuidade para se desenvolverem em curvas que podem ser fortes pinceladas de cinema, trechos de emoção, mas que, como todas as curvas desnecessárias, não alongam apenas inutilmente o caminho—elas próprias se emaranham, o viajante perde-se, a paisagem recorta-se em quadros isolados. Toda a obra de Lattuada é uma obra de tentativas—no que diz respeito à obra total e a cada filme por si. Ora tenta abordar o problema da readaptação do antigo soldado às condições de vida normais, depois dá-nos um folhetim sem interesse; ora o negócio clandestino num mundo em caos, as mulheres exploradas e o problema do negro, e a acção acumula-se e não leva a nada; ora abandona aparentemente a actualidade e situa um drama rural nas margens do Pó; e o que fica desse drama com ar de epopeia? Melhor: desses trechos de drama e de outros trechos de epopeia, e ainda doutros de melodrama?

AGORA FALO EU...

Um olhar de relance para ESPINHO

As palavras que seguem são ditadas pelo desejo que temos de também ser úteis. Pediram-nos para escrever alguma coisa. Ora, em face de semelhante pedido, apresentam-se-nos duas ordens de considerações: ou nós possuimos um nome conhecido e de algum modo já consagrado ou não. Quanto à primeira, rejeitamo-la «in limine». Quanto à segunda, precisamente o nosso caso, colocamos-na numa situação difícil. Acrescentaram ao pedido que escrevêssemos sobre Espinho, sob tema à nossa escolha. É o que vamos tentar fazer, não como jornalistas ou mais genericamente como escritores, mas sim, e embora à primeira vista as ideias se contradigam, como leitores.

Vamos dizer então o que nós vemos, alguma coisa que o nosso espírito crítico nos indica como sendo necessário realizar-se e aquilo que o bom senso nos segreda como sendo já digno de muito apreço. Com certeza que seguindo este plano nada de novo se poderá já acrescentar; outros antes de nós e com mais aptidões o têm seguido. A culpa, porém, não é nossa e como também queremos ser úteis, façamos erguer mais uma voz. Acreditamos que um coro se repercuta com mais intensidade do que uma voz isolada.

Espinho tem, bem o sabemos, carência de muitos melhoramentos. Não quer isto dizer que, levados a cabo estes, a terra se considere acabada e completa. Não. Os melhoramentos, uma vez obtidos, hão-de fazer voltar as atenções para outros aspectos e de novo abanaremos a cabeça em sinal de desagrado. Oxalá assim sempre aconteça; para nós isso significará progresso.

Começemos pois pelos mais urgentes, ou, melhor, por aqueles cuja falta mais se faz sentir.

Não é nosso intuito realizar uma lista exaustiva de tudo nem tão pouco o é falar de casos como por exemplo o da mudança da linha. Muito se disse já sobre ele e porfiados esforços têm sido envidados nesse sentido. Muito se falou sobre a questão da Assistência Social, bem alto se tem clamado a necessidade da criação dum porto de pesca.

Achamos contudo que pouco se tem ligado à falta de vegetação que se faz notar. As nossas ruas têm o traçado mais de acordo com as exigências modernas, mais prático e racional que se pode exigir, mas têm também o grave inconveniente de serem orientadas no sentido dos ventos norte e leste. O norte que tão desagradavelmente e amiudadas vezes se sente não há nada que o detenha nas suas paralelas ao mar. Ora, perguntamos nós: não seria uma plantação intensa, es-

colhida e cuidada de árvores, uma boa atenuante para este quase permanente flagelo? Além disso não passaria a terra a possuir um ar mais alegre? O verde da folhagem, digamos, seria mesmo mais um atributo justificativo da designação de Costa Verde. Por um ou por outro dos motivos apontados nunca se perderia nada em experimentar esta solução.

Repetimos: a nossa terra precisa de árvores, de jardins e este parece-nos ser um problema importante a resolver. Outros escarpão ao nosso exame superficial e, uma vez que este não escapa, diz-nos a lógica que é por ser fundamental.

Chegados a este ponto e tendo já indicado e chamado a atenção para este empreendimento que dizemos urgente, não queremos acabar sem, brevemente, nos referirmos a alguns aspectos da nossa terra que consideramos encantadores e que tão poucas vezes os nossos conterrâneos parecem notar. Confessamos, porém, que nos foi necessário estar longe dela meses seguidos, há cerca de dois anos a esta data, para também os notarmos. Foi-nos preciso ainda conhecer outras terras unanimemente consideradas encantadoras, para, com olhos de ver, descobrirmos em Espinho os mais variados encantos que têm de característico quase todos o serem invulgares. Queremos referir-nos às belezas naturais e às artificiais. Queremos que todos vós olheis por momentos como se até aí nunca o tivésseis feito, para o pedaço de litoral que, colocados no centro da esplanada à beira-mar, a vossa vista alcance de norte a sul. Contemplai com curiosidade a orla do mar de Espinho à Granja numa tarde de sol de Julho ou numa noite lua-renta de Janeiro; olhai para a cor do céu; fixai na retina as tonalidades das águas; deixai que os olhos se extasiem com o quadro presente e depois... depois ide ver as outras praias tão reclamadas. Quando passardes pelas ruas largas de Espinho, vede os edifícios que as ladeiam, notai a suavidade do pavimento que pisais, deliciai-vos com a pureza do ar que se respira em toda a terra. Ide dar uma volta pelos arredores, decorai os pedaços encantadores que tereis ocasião de topar e depois, repetimos, ide comparar Espinho às cidades e vilas que todos tendes ouvido classificar de melhores. Chegaréis, estou certo, ao mesmo resultado que nós: falta fazer muita coisa, mas o que está feito já representa muito. E se tomardes em linha de conta o tempo em que tudo se fez, podereis até afirmar sem receio de falibilidade que Espinho há-de ser uma grande terra.

Nunes Correia

Julho / Agosto / 1952

4

Director: António Gaio

la

letras artes

SUPLEMENTO LITERARIO DE "RUMO"

Gilberto Freire

E A CIVILIZAÇÃO TROPICALISTA LUSO-BRASILEIRA

Chegado ao Recife, este ilustre sociólogo concedeu, à imprensa local e do Rio, longas entrevistas, em que falou com grande contentamento da sua recente visita às possessões portuguesas de Além-Mar, anunciando a próxima publicação de um livro intitulado, «Aventura e Rotina». Entretanto, publicará as suas rápidas impressões de viagem em artigos. Das declarações feitas àquela imprensa, destaca-se este importante passo:

«A impressão mais viva que trago é a de que o português continua a ser um povo criador. As realizações do passado, algumas monumentais, acrescenta uma vasta obra moderna nos trópicos: no Oriente e na África. Essa obra não faz má figura ao lado da que, como descendente e continuador do português, o Brasil realiza na América. E esses dois grandes esforços, o português propriamente dito e o brasileiro ou luso-brasileiro, animam um espírito comum, caracterizado principalmente pelo sentimento e pela prática de uma, não direi perfeita mas bastante avançada democracia étnica e social. Essa democracia étnica e social dá à civilização luso-brasileira ou luso-tropical — a expressão, esta última, que procurei justificar nas minhas conferências em Gôa e em Coimbra — mais do que modernidade, dá-lhe o sentido raro de uma antecipação como triunfante. Outros povos europeus com províncias ultramarinas, como os ingleses, os belgas e os franceses, já sentem, pela inteligência dos seus homens mais avançados, que mais cedo ou mais tarde terão de seguir técnicas ou métodos luso-brasileiros de formação ou consolidação de novas sociedades nos trópicos».

Ouvimos, pelo rádio, a sua conferência proferida em Coimbra, na Sala dos Capelos, não reproduzida pela imprensa metropolitana, ao que supomos, de modo a podermos ver confirmadas algumas das suas belas ideias sobre a civilização tropicalista dos portugueses, a expressão por ele desenvolvida surpreendentemente, mas procuraremos interpretá-la no seu verdadeiro sentido. É uma expressão nova — o mais alto cume até hoje atingido para se desfrutar a projecção da cultura portuguesa nas várias partes do mundo. Só um grande historiador e sociólogo, do seu estofado, poderia atingi-lo, rejeitando os canones da historiografia oficial, para observar os vínculos da cultura lusitana nos longínquos continentes tropicais, de modo prático.

As conquistas marítimas dos portugueses devem-se aos seus ensaios e experiências, apenas, a expensas da sua própria cultura. A sua expansão dilatou-se pelos trópicos; aí lançou os germes de um tipo de civilização, que criou raízes e se formou com relativa independência, nunca perdendo a modernidade, nem «o sentido raro de uma antecipação triunfante». De outros povos, não receberam os portugueses elementos de cultura, que os levassem à conquista dos mares, antes os criaram eles. Os lusitanos que participaram dessa conquista e os que lhes seguiram, materializando o seu domínio em territórios tropicais, gente rude e brava na aventura, levaram consigo os elementos da sua própria sabedoria.

Foram eles os criadores desse tipo de civilização, que foi ganhando características próprias respigadas do seu substracto, do seu temperamento, as quais se verificam no Brasil, na África e na Índia, aonde os portugueses se integraram, criando uma «bastante avançada democracia étnica e social». Portugueses e indivíduos de outras raças em contínua aderência e caldeamento, como no Brasil, foram desenvolvendo esse tipo de civilização assaz diferente da chamada civilização europeia, caso este sábiamente estudado pelo ilustre sociólogo brasileiro.

Qualquer que seja a intromissão de culturas estranhas, nas nossas províncias ultramarinas, ou quaisquer que sejam os sistemas políticos por que se governem, o seu tipo próprio de civilização prevalecerá — a sua democracia étnica e social dá-lhe o sentido raro

de uma antecipação como triunfante». O caso do Brasil é precisamente igual. Estudado este em profundidade, como ele o fez, fácil lhe foi observar nas nossas províncias de Além-Mar os efeitos do mesmo fenómeno a que chamou, surpreendentemente — civilização tropicalista dos portugueses.

Mas será um tipo de civilização próprio, digamos, independente da civilização ocidental, como faz pensar o ilustre professor na Sala dos Capelos, apresentando a sua encantadora tese? Como pô-lo em dúvida? Vejamos os seus prodigiosos estudos sobre o fenómeno da colonização e civilização no Brasil pelos portugueses, confronte-se esse fenómeno com o das nossas províncias ultramarinas, e concluir-se-á que as diferenças são ínfimas. E se verificarmos a linha da evolução histórica em qualquer dos casos, notaremos que ela é igual em posições equidistantes. O ilustre sociólogo brasileiro estudou este fenómeno nas nossas províncias de Além-Mar, observando as respectivas populações, a sua cultura e o seu ambiente social; encontrou vínculos comuns entre elas e em relação com o Brasil, visto tratar-se do mesmo fenómeno; e constatou a existência dum tipo próprio de civilização criado por portugueses e brasileiros, assaz diferente da chamada civilização europeia.

Um facto desde há muito registado por nós, é que o ocidental, ao chegar a essas paragens, sente irresistivelmente essa diferença. Ao adaptar-se a esse meio, a sua personalidade transforma-se, cedendo a um mundo diferente; o seu espírito de nacionalidade dilata-se; o novo ambiente desperta-lhe energias adormecidas e passa a determinar-se não como ocidental mas como tropical, imbuído por este tipo de civilização.

Para se compreender a magnitude da civilização tropicalista observada por Gilberto Freire, é necessário abranger o Brasil, e, neste caso, teremos que chamar-lhe luso-brasileira, assim como ele lhe chama. A cultura que os portugueses fizeram desenvolver na África e na Ásia é a mesma que se desenvolveu no Brasil e que os seus descendentes e continuadores converteram num tipo próprio de civilização.

O ilustre professor, se entendemos bem as suas palavras, considera-o autónomo. Corresponde a um tipo característico de cultura mantido pelos portugueses no ultramar, caldeando-se com raças de vários tipos de civilização, não ocidentais, fundindo-se nesse cadinho a que ele chama «democracia étnica e social» — o timbre da civilização tropicalista em questão. Esta não tem paralelos noutros territórios ultramarinos dominados por outros povos do ocidente — ingleses, belgas e franceses — que já sentem, pela inteligência dos seus maiores homens, a necessidade de seguir, mais tarde ou mais cedo, «técnicas ou métodos luso-brasileiros de formação ou consolidação de novas sociedades nos trópicos».

Essas democracias étnicas e sociais, de formação tropicalista, não poderiam ser uma realidade, se as não determinasse o sentido universalista dos portugueses, a sua índole anti-racista — a chave dos seus triunfos históricos no ultramar — o fundamento desse tipo de civilização a que nos estamos referindo. No seu poder de captação, aliciando outras raças, e de adaptação a ambientes estranhos, está o segredo dos seus triunfos desde o tempo das descobertas; enquanto que outros povos ocidentais, impondo rígida e violentamente as técnicas e os métodos da sua civilização, em conflito com as gentes e os ambientes dominados, jamais conseguiram formar e organizar essa democracia étnica e social em que consiste o tipo de civilização tropical luso-brasileira, de que nos fala Gilberto Freire.

Ao ilustre sociólogo brasileiro, além do muito que lhe devemos pelos seus notabilíssimos estudos luso-brasileiros, ficamos-lhe devendo mais esta notável comunicação pro-

NA RAMPA DAS INJUSTIÇAS

Os Grandes Esquecidos

(A laia de introdução)

As injustiças dos homens para com os homens verificam-se em todos os tempos, em todas as classes e em todos os meios. São velhas como o mundo, e actuais como a água fresca que hoje bebemos. São, por isso mesmo, eternas e constantes as injustiças.

A história do Universo dá-lhes relevo, cita-as, comenta-as e interpreta-as de conformidade com o ambiente e a época em que elas foram consumadas, e ainda sob os aspectos políticos e as paixões sectárias dos homens de cada época.

No mundo das letras, portanto, tem que haver também injustiças. O intelectual é, por via de regra, o homem mais acumulado de injustiças. Em vida desprezam-no. Depois de morto esquecem-no.

Eu bem sei que nem sempre é assim. Por vezes acontece o contrário. Mas isso dá-se com poucos. São casos esporádicos. E também acontece algumas vezes haver homens, ou grupos de alguns homens, que se empenham em fazer excepcionalmente grandes, depois de mortos, ídolos que foram excepcionalmente medíocres e banais. Sim. Isso também acontece. Mas eu não me espanto, porque sei que sempre aconteceu assim através dos séculos, desde que o mundo é mundo.

Entre nós, na hora presente, também há quem só se aperceba, dia e noite, de certos intelectuais falecidos. Não sei se o fazem por snobismo, se por negligência, se por ignorância. Mas fazem-no, e muitas vezes com características de equipa, o que se me afigura mais condenável ainda.

Eu bem os vejo, eu bem os sinto, procurando com teimosas girândolas de adjectivos encomiásticos colocar nas grimpas da glória quem foi poeta ou romancista de craveira intelectual semelhante à de muitos outros romancistas e poetas esquecidos (com nítidas vantagens de superioridade em muitos destes últimos) e de quem ninguém teve ainda a elegância e a corajosa generosidade intelectual de os apontar e citar nas páginas culturais de certas publicações, ou nas revistas literárias em que os incensadores pontificam, incitando à revisão crítica das suas obras.

Isto é duro, mas tem que dizer-se. Para certos escritores portugueses actuais, alicerçados em cómodas posições que a vida lhes proporcionou mais ou menos jus-

ferida na Sala dos Capelos, em que ele iluminou, com um grandioso facho, o papel histórico dos portugueses no ultramar. A's suas experiências de sociólogo e historiador e à sua alta inteligência interpretativa, lhe ficamos devendo conhecimentos que a historiografia oficial não poderia difundir, atida a dogmáticos e acanhados conceitos. E o que eles nos dirá, nas suas próximas publicações sobre a história da civilização luso-tropical, após a sua viagem pelos nossos territórios ultramarinos, será de inestimável importância, demonstrando o génio criador dos portugueses.

Felisberto Ferreira

(Do «Notícias de L. Marques»)

tamente, (eu creio que a maioria por mercê do seu talento e do seu valor) e lhes deu o ensejo, ou eles o tomaram a seu talento, de se arvorarem em orientadores da literatura dum povo perante a geração a que pertencem, para certos escritores actuais — repito — só determinados homens de letras falecidos são dignos de ser içados de novo à vida. Dos outros, fingem que os não conhecem, que nem lhes sabem os nomes nem os títulos e o conteúdo das suas obras!

Mas que demónio de verdade literária é esta? Que cada um tenha a sua simpatia por este ou por aquele criador de beleza, está certo, assim como está no direito de exaltar a sua memória, porque cumpre um dever para com a sua própria sensibilidade. Mas quem pretenda ser orientador duma geração não segue o rumo das simpatias, mas sim o da justiça.

Questão de sensibilidade apenas? Não. Questão de insinceridade, ou de sinceridade em manifesta decadência. E disso é que resulta fatalmente, inexoravelmente, a grande rampa de injustiças em que jazem os nomes e as obras de poetas e de escritores de real talento!

Na medida das minhas modestíssimas forças, farei a tentativa. E alguma coisa farei. Temos obrigação moral e intelectual de tentar arrancar alguns grandes esquecidos da nossa literatura a essa rampa fatídica, trazendo a lume os seus nomes, as suas obras, a sua abnegação e o seu culto pelas letras pátrias para que a injustiça que se vem cometendo não seja tamanha nem tão confrangedora.

Trata-se dum imperativo de consciência colectiva, por assim dizer. Nas páginas de «RUMO» constituo-me o primeiro intérprete e o primeiro servo desse imperativo, e desde já agradeço o auxílio de todos os bem intencionados que me queiram ajudar nesta cruzada de devoção pela memória de alguns grandes esquecidos da literatura portuguesa.

Carlos de Moraes

Canção de Outono

Soltos bordões
Dos violões
Do outono
Ferem meu ser
A estremecer
De abandono.

Já sufocando
E débil, quando
A hora soa,
Eu choro o afã
Da hora vã
Que se escoo.

E vou sem fim,
Que vento ruim
Me transporta,
De cá, para lá,
Tão igual à
Folha morta.

FUTEBOL

Continuado da pág. 2

é uma desastrosa actuação da defesa contra o Sanjoanense foram as únicas excepções à modéstia numérica dos jogos do Sporting. A defesa sofre de um momento de desentendimento mercê da insegurança dos seus componentes, longe do seu real valor como futebolistas, valor que lhes permitiu assegurar com sucesso muitos dos triunfos da sua equipa. Lopo, sobretudo, está uma sombra do jogador vigoroso, oportuno, certo, que nos habituamos a ver. Na linha média há que reconhecer a boa forma de Cadete, na nossa opinião o jogador mais regular e de mais constante utilidade à equipa. Walter acusa a falta de treino. Duas corridas e dois pontapés na bola por semana, sob orientação própria e sem companheiros, não são suficientes para permitir-lhe grandes exhibições. Na linha avançada as coisas não têm corrido pelo melhor. Loureiro, sempre irrequieto e codicioso, não parece ter ainda conseguido entender-se com Garro, jogador indiscutivelmente bom, mas pouco amigo do choque e da luta animosa. Na asa esquerda tem que dizer-se da má forma de Guilherme, longe daquilo que tem obrigação de ser, e da pouca afoiteza de Gomez, aliás também muito esquecido pelos seus colegas de equipa, esquecimento que tem originado não poucas discussões entre os entusiastas espinhenses. Demos tempo ao tempo. A forma virá ao de cima e a equipa do Sporting voltará a oferecer-nos algumas magníficas exhibições como na época anterior.

A categoria de reservas, formada por jogadores muito habilidosos, tem feito trabalho pouco de harmonia com as suas possibilidades. Não compreendemos a razão do seu fracasso, atendendo ao valor individual das suas peças.

A arca do grande Elias

Continuado da pág. 10

furioso e lança-se nas chamas, gritando, a salvar a Arca-Grande que o incêndio ameaçava tragar — e, em breve, surge, chamuscado, delirante, grotesco, trazendo com outros a sua Arca-Grande, a sua vida salva! O minuto é de expectativa; ninguém vê aqueles cabelos queimados, os olhos em fogo, o fato rasgado e — oh! — aquele esgar, aquela máscara de dor que dói a quem a vê!

Elias cai de joelhos diante da sua Arca; quebra, dum puxão, a fita que unia as chaves ao cinto e, logo a seguir, os fechos seculares gemem e estalam. Há um segundo — o eterno segundo dos grandes momentos! — em que Elias e todo o povo permanecem calados, de olhos fixos, enquanto a casa acaba de arder; então, num arranco, num uivo, num grito furioso de vitória, Elias ergue a tampa da Arca-Grande... e uma nuvem cinzenta de poeira é-lhe, por momentos, auréola; depois, num berro de réprobo,

Tribuna da Direcção

JUNHO E JULHO

Durante as reuniões da Direcção do Club, nestes dois meses, foram tratados diversos assuntos, dos quais vamos apresentar um leve resumo para apreciação do trabalho a que a referida Direcção se tem dedicado. Muitas das vezes, os assuntos não resultam como se desejava, após passarem à prática, mas justo é salientar que mais não tem sido possível fazer, já que as dificuldades financeiras se amontoam irresistivelmente, como pelo desinteresse de alguns elementos fundadores do club, em completo alheamento por tudo o que se relacione à volta do club, dando, assim, um mau exemplo aos novos, a quem afinal se destina este club, feito por novos e sempre para os novos. Como sócios, todos temos o dever de nos interessar pela Académica, nas horas boas e más, ajudando a mantê-la no lugar que muito merecidamente ocupa, nas manifestações de bairrismo e propagação da nossa querida terra.

Foram aprovados como sócios, neste período, os seguintes senhores: Nelson da Silva Abelha, José Borges Alves, Alfredo de Oliveira, Fernando José dos Santos, Delfina Pereira Bártolo, e Lamartine Amílcar Ribeiro Ladeira.

Resumo dos assuntos que mais nos prenderam a atenção:

Uma proposta simpática vai ser apresentada na próxima reunião da Assembleia Geral do Club: a da indicação do Senhor Manuel Pinto Bizarro para Sócio Honorário da A. A. de Espinho. Não duvidamos, sequer, que a referida proposta terá a melhor aceitação, dado o reconhecimento geral das qualidades do Senhor Pinto Bizarro, que, não sendo espinhense, muito tem ajudado, de diversas maneiras, algumas das nossas colectividades. É, pois, merecidamente, que será galardoado.

Não é sem desgosto que temos observado diversas críticas, aliás com fundamento, pela forma como se encontra actualmente o Rink de Patinagem. Dizêmo-lo «com desgosto», porque a mais ninguém que a nós próprios custa ver aquelas paredes sequiosas de tinta. É um facto evidente que não nos é possível, com as parcas possibilidades monetárias com que podemos contar, resolver

dum salto, Elias foge, aos gritos, chorando, tossindo, espirrando!...

A maldição cumprira-se: a

o problema, o que bastante nos penaliza. Porém, há tempos surgiu uma radiosa possibilidade de o conseguirmos, quando alguém nos pediu autorização para a instalação naquele quadrado de cimento que está ao sul do rink, dum pavilhão para faturas, durante os dois meses que se vão seguir. Esse aluguer poderia render-nos uns 5.000\$00, soma que daria para umas obras em grande escala, e ainda nos sobraria dinheiro para minorar algumas dificuldades. Isto, porém, não pôde ser levado a bom termo, visto não termos tido a necessária autorização da Ex.^{ma} Câmara, para a efectivação do referido aluguer. Não duvidamos que esta recusa tivesse sido baseada em razões compreensíveis, mas, o que resalta, sem dúvida, é a pouca sorte que tivemos nesta esplêndida oportunidade. O Rink terá, pois, de continuar como está... para desgosto de todos.

Vai agora iniciar a sua actividade a secção de Hoquei em Campo. Esta, criada, dirigida e integrada por elementos dos melhores que o Clube conta, bem merece a simpatia dos bons amigos da Académica, como dos desportistas em geral. Têm tido contrariedades diversas, que a outros menos preparados em brio desportivo, tenacidade e desprezo pelo conforto dum horas da manhã, ao Domingo, na cama, teriam sem dúvida feito desistir de lutar por uma causa que parece perdida...

Vão agora para a 2.^a Divisão Regional... não por falhas indisculpáveis com inscrições, mas sim, — e esta é uma verdade que nem a eles magôa — por falta de mais conhecimentos técnicos que lhes permitiriam continuar na luta entre os «grandes» da modalidade.

Vão para a 2.^a Divisão, muito embora a Direcção continue, da mesma forma, a acarinhar e a ajudar, na medida do possível, esta secção do Clube, que, na nossa modesta opinião, é das mais dedicadas e a que menos despesa apresenta no fim da época. Para mais, e isto é a melhor prova de tudo que já dissemos, contam como seu campo de jogos o de S. Félix da Marinha... um clube de Espinho que não pratica a modalidade de Hoquei em Campo, na sua terra.

Arca-Grande matara de ridículo, numa nuvem de pimenta, aquele Elias que ousara arrostar com a maldição dum antepassado!

Dr. Pinheiro de Moraes ■ Dr. Moreira da Costa

HORARIO DAS CONSULTAS

A's 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} - feiras
Das 8,30 às 10 horasA's 2.^{as}, 3.^{as}, 4.^{as}, 5.^{as} e 6.^{as} - feiras
Das 14,30 às 17 horasA's 2.^{as}, 3.^{as}, 5.^{as} e 6.^{as} - feiras
Das 14,30 às 17 horasAos Sábados
A's 16 horas

CONSULTÓRIO: RUA OITO N.º 681 — ESPINHO

CAMPISMO

Continuado da pág. 3

vista que nos ocupa, o que chamamos campismo puro, façamos rápida análise da sua razão de ser e características

Tende o homem, cada vez mais, a viver nos grandes centros. Filho da cidade ou a ela adaptado, ali encontra sempre onde passar o tempo (e importa, aqui, o domingo); o café, o cinema, o futebol ou coisa do género. (Note-se que apontamos o futebol, por ser o desporto que toda a gente conhece e conta uma multidão fantástica de entusiastas.) Trabalhando a semana inteira em ambiente de certo modo fechado (escritório, repartição, oficina, loja, escola), o descanso faz-se em ambiente mais fechado; ou, se opta pelo espectáculo ao ar livre, ainda então não faz senão um repouso relativo.

Curioso: o cidadão ou mal conhece, ou não chega a conhecer, o mundo natural que o rodeia. E, assim, não pode colher-lhe os benefícios, que ignora. Na ânsia de «civilizar-se», o homem afasta-se daqueles caminhos que dum modo tão singelo lhe são tão úteis: a cidade absorve-o com tal força, que a vida se consome num processo essencialmente mecânico. Daí que até as ideias sobre desporto lhe são tantas vezes falseadas.

Toda a gente fala do ar benéfico dos campos — os pinheirais, eucaliptos, arvoredos de toda a espécie; o agradável das sombras; a frescura dos frutos acabados de colher na árvore; a delícia das águas cristalinas a saltarem nas fontes; o doce cantar dos regatos, dos pássaros, das brisas; o encanto dos verdes e todos os tons nas várias estações do ano; a magestade dos penhascos e alcantãs — enfim, toda a diversidade de colorido e de formas celebrada por escritores, poetas, pintores, pelo cinema até.

Cansado e desejoso embora de um repouso agradável, o homem limita-se ao que vimos; apenas recupera em parte, quando o faz, as energias gastas no labutar diário.

Mas então, o campismo tem um fim repousante? Os desportos destinam-se ao descanso? Por outro lado, quando se quer ir ao campo não é preciso muito: uma merendinha (porventura com um garrafãozinho a acompanhar...) e logo à beira de qualquer povoado há onde a papar sem mais dificuldade; depois, uma soneca e pronto!

Precisamente aqui começa a distinção: ir ao campo, com ou sem merenda, não é desporto; será repousante, sim — mas apenas. O campismo começa onde exige ao praticante um esforço, cujo primeiro passo é o transporte no dorso da sua bagagem. Ele aí vai por campos, vales e montes, buscando lugar aprazível e são onde arme a tenda. A partir daqui, pode limitar-se a descansar; ou praticará actividades como a marcha campestre, o montanhismo, a natação, a pesca; como a pesquisa de fósseis, de terrenos, de plantas e animais vivos; conhecerá o povo da região, a sua maneira de ser, de falar, de trabalhar, de se divertir — e então o campismo, já de si actividade desportiva, oferecerá apoio para melhor prática de outros desportos, ou será ponto de partida para actividades de ordem cultural.

O campismo tem que, como todos os desportos, obrigar a um desgaste de energias, maior ou menor consoante as distâncias a percorrer, os tipos de caminhos a passar, as condições de tempo, etc.; mas nenhum outro desporto trás em si mesmo o repouso, que é parte integrante do campismo. Este, se contém em si o esforço, também dá a compensação. Ao trabalho físico junta-se a soma de conhecimentos indispensáveis a uma boa prática — e quando melhores forem tanto mais perfeita será a recuperação das forças. Estas, claro, são não só as dispendidas na preparação do acampamento, mas as que se queimaram no labor diário. Com efeito, os benefícios colhidos ao ar livre, em especial para quem passa a maior parte do tempo mais ou menos encerrado, são imensos. Nem é preciso encarecê-los; ninguém os desconhece.

Alliado ao prazer físico outro aparece, de importância considerável — e esse é o espiritual, o que provém do contacto com a natureza, tão rica, tão variada, que ao campista resta quase só escolher o meio que mais o atrai.

Ar puro, colorido, paisagem, novos horizontes, uma imensidade de coisas maravilhosas se apresenta por toda a parte. Não há dúvidas de que a grandiosidade da natureza, se esmaga tantas vezes o homem na sua pequenez, por isso mesmo lhe faz descobrir quanto ele deve ao semelhante, a si próprio, a tudo que vive em seu redor.

Um bom campista será, até sem que dê por isso, aquele que souber aprender a lição das coisas singelas; e só a aprende, de facto, o que depois a pratica.

F. M. Carvalho

Colégio de S. Luís

CURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS
E ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES • INSTRUÇÃO
PRIMÁRIA E CURSO COMERCIAL

Telefone 60 • ESPINHO • Apartado 8

CEREAIS — MERCEARIAS
Armenistas

AZEITES
Armenistas e Exportadores

Cadinho & Couto

RUA DEZOITO * ESPINHO * TELEFONE 52



ARMAZÉM DE VÍVERES E SABOARIA ATLANTICA **DUARTE & C.ª**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

(MERCEARIA PORTO)
Largo dos Aviadores, 104
Telefone 3771-GAIA

445, R. Bandeira Coelho, 451
Telefone 16
ESPINHO

CASA SOUSA

LIVRARIA E PAPELARIA

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

RUA DEZANOVE * TELF. 99 * ESPINHO

C I M E N T O S

Stavelo
L U S O  Portland
PATAIAS

Utilizá-los é preferi-los

DISTRIBUIDOR:

A. Trindade, Sucessor

CAIXA POSTAL
4

FERRO, AÇO E CARVÕES
MATERIAL LUSALITE
TINTAS TEXOLITE

TELEFONE
39

880, AVENIDA OITO, 886 ~ ESPINHO

METALÚRGICA DE ESPINHO

JOSÉ MARTINS ALVES JÚNIOR

MONTAGEM E REPARAÇÃO
DE AUTOMÓVEIS

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO
DE TODAS AS MÁQUINAS

OFICINAS E GARAGEM-RUA 37 e 22-ESPINHO-TELEFONE 338

Colégio de N.ª S.ª da Conceição

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

TELEFONE 303 ~ ESPINHO

VINHOS DE PASTO



FABRICA DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA
PORTO + GAIA + RÉGUA + ESPINHO + TORRES VEDRAS

SOUSA & IRMÃO

RESERVAM ESTE ESPAÇO PARA QUANDO PRECISAREM DE PROPAGANDA

FARINHAS • CEREAIS • MERCEARIAS

Baptista & Oliveiras

APARTADO 5 • TELEFONE 21 • ESPINHO

ELECTRICIDADE • MÁQUINAS

A. VIZEU & C.ª, L.ª DA

RUA 12 N.º 1243 ~ ESPINHO

FÁBRICA DE LOUÇAS E TODOS OS ARTIGOS DE ALUMNIO

A VIGOROSA

UMA MARCA QUE É UMA GARANTIA

DOMINGOS SOARES PEREIRA

APARTADO 14 ~ ESPINHO

LANIFÍCIOS * GABARDINES * CAMISARIA * CALÇADO

CASA XABREGAS

CARLOS JERÓNIMO FERNANDES PEREIRA

Ruas 18-687 • ESPINHO • Telf. 222

FATOS PRONTOS A VESTIR * FACILIDADES DE PAGAMENTO

TIPOGRAFIA PROGRESSO

ANTÓNIO GUETIM

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA DE
TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
TRICROMIAS

RUA 20 N.º 361 • ESPINHO • TELEFONE 125